MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

(17)

Certificado Nº 9./42

PEÇA "O CASAMENTO DE TRUPIZUPE COM A FILHA DO REI"

ORIGINAL DE BRÁULIO FERNANDES TAVARES NETO

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

IMPRÓPRIO PARA
MENORES DE 20 ANOS

VÁLIDO ATÉ 11 de JUNHO de 19 85

Brasília, 11 de JUNHO de 19 80

JOSÉ VIEIRA MADEIRA
Diretor da DCDP

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada O CASAMENTO DO TRUPIZUPE COM A FILHA DO REI

Original de BRÁULIO FERNANDES TAVARES NETO

Tradução de

Adaptação de

Produção de

Requerida por SR/PB

Tendo sido censurada em 10 de JUNHO de 19 80 e recebido a seguinte classificação: IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 11 de JUNHO de 19 80

WILSON DE ARAÚJO GARCIA
Chefe do Serviço de Censura

DPF-150

O CASAMENTO DE TRUPIZUPE
COM A FILHA DO REI

Sátira cordelesca em Canto, de [illegible] TAVARES

PERSONAGENS

Narrador
Trupizupe
Rei
Vice-Rei
Princesa
Pescador
Arauto
Criado
Carcereiro
Pretendentes:

Barão
Príncipe
Conde
Arquiduque

CENA 1

(Black-out. Luz se acende no palco, iluminando o narrador)

NARRADOR - Boa noite, senhores e senhoras,
frigideiras, caldeirões e caçarolas!
Nosso Teatro de Divertimento Artístico
hoje vos apresenta o espetáculo humorístico
contando as aventuras do Gato de Campina,
o famoso Trupizupe, o Rei da Silibrina!
A todos os presentes tentarei agradar
com as horas curiosas que passaremos a narrar.
E para dar início à nossa função
apresentamos agora o herói desta narração:
entra ele Trupizupe, o maior quengo do Nordeste,
que fez de tudo na vida, menos fazer nada que prestasse!

(Luz sobre Trupizupe, que entra com o gonzó na mão.
Os demais atores saem por trás dele, em seguida.)

TRUPIZUPE - Meus senhores, boa noite! sou o Gato de Botas
ou por outro Trupizupe, mágico de Hilário.
No meu cavalo quadrúpede corro lépido e ligeiro
direitinho um Gary Cooper do planeta norte-americ

(Relinchos e galopé, entra o cão)

Canto, canto, sabiá
no galho da bananeira
que o padre do balacobr
vou voando pelo ar...

CORO (após cada estrofe cantada por Trupizupe, repete o refrão)

TRUPIZUPE - Escuta meu pessoá, vou contar meu nascimento
foi tão grande o sofrimento, você vão até chorar!
O meu pai foi conhecido como Pedro Malazarte
e matava de enfarte pois era oficiá.
Já fui tanta pruspeda que tiveá até fazendo
mas nem vêi tão cantirom ninguém pode acreditar.

(CORO)

TRUPIZUPE - Conheceu a minha mãe, era moreno bonita
no bucho de Anita - um clube facilitar.
O meu pai se engraçou dela e pousou lá uma noite
tomou dez litros de cana e foi-se embora sem pagar.
Quando minha mãe deu fé que tinha levado um xêro
disse: danado, eu não deixo de um dia te entrar!
Quando foi umbigo depois sonhou que tava buchuda
e fui um Deus-nos-acuda que foi da pelha rasgar!

(CORO - refrão)

TRUPIZUPE - Com um mês no bucho dela eu já teve me bulindo
com dois eu tava grunindo, com três peguei a chorar;
com quatro eu abri o olho, com cinco eu dei no pinote
com seis eu desceu um xeiro e quebrei cêro de cabeler.

(CORO - refrão)

TRUPIZUPE - Com 7 meses lá dentro eu já estava falando
perguntei a mamãe quando eu vou sair desse lugar.
Quando deu com 8 meses mãe sondou que eu ia aqui tarde
me disse: você já nasce, sai para com esse fedi

(CORO - refrão)

TRUPIZUPE - Quanto inteirou os anos, ela passou pela Zelar
comprou sal-petro de cozinha que era para se matar.
Comprou três metros de tecido para fazer roupa de [illegible]:
esse era a minha roupa, [illegible] outro o enxovó.
E pro ela ela comprou dois litros de Corangueja
porque teve de escapo - e pro não me prejudicá.

(CÔRO - refrão)

TRUPIZUPE - Depois ela foi pro caso esperar que desse a dor
numa rede se deitou, e pegou se balançar.
Com pouco tempo depois, na duma da madrugada
deu uma cólica danada de cabelo arrepiar!
Mamãe disse: ô dor de gata, deu um pulo lá da rede
e foi no canto da parede com peder nos enxergar!

(CÔRO - refrão)

TRUPIZUPE - Quando a dor foi afrescando mandou chamar o parteiro
encheu água uma chaleira e botou pra esquentar.
Esse tal parteiro dela era um cafiubaneiro,
morava na Cachoeira, na rua da Mangangá.
Esse véin se chamava Bastiana Furo-Fole
tinha uma boca mole, um dente lá e outro cá.

(CÔRO - refrão)

TRUPIZUPE - Ele chegou lá em casa, foi logo vendo mamãe
com o bucho desse tamanho, querendo pra se deitar.
Ele disse, minha filha, você não se preocupe
que esse tal de Trupizupe não vai mais lhe aparecer.

(CÔRO - refrão)

TRUPIZUPE - Quando chegou bem na hora ela foi se preparando
mas quando foi se pegando, ele disse: chiei era lá!
Bastiana assustou-se ouvindo aquela voz fina
disse: Rei do Silibrino, tá querendo me estrangular!

(CÔRO - refrão)

TRUPIZUPE - Me pegou por uma perna, me deu um puxão de orelha
depois pegou pela outra, e acabou de arrastar.
Quando eu vi que tava ruim, retirado no cimento
eu disse à véia: olhe lá dentro, e me traga meu canká.
Ele me entregou depressa e eu fiquei ali contando
mamãe ficou se chamando e ela foi fazer um chá.

(CÔRO - refrão)

TRUPIZUPE - Olhe aqui meu camarado, saiba que naquele dia
na hora que eu nascia deu coisa de admirar.
Deu uma chuva medonha, dessas que o mundo se arrasa:
carregou quarenta casas e um Colégio Estadoá.
Por todo canto da rua tinha cobra corre-campo
lá no céu deu um relampo que se viu na Capitá.

(CÔRO - refrão)

TRUPIZUPE - E depois desse relampo deu o estrondo de um trovão
que estremeceu o chão e tirou móvel do lugar.
E os cachorro da cidade fizera uma latuada
passaram trinta-e-dois dia só latindo sem parar.
A chuva foi tão pesada que deu enchente no rio
e um aleijado subiu na torre da Catedrá.

(CÔRO - refrão)

TRUPIZUPE - Outro se subiu num poste e pegou no transformador
deu um choque do estoque e ele voou pelo ar.
Deu im incêndio danado no Bairro de Zé Pinheiro
mas o carro dos bombeiro quebrou quando ia pra lá.

(CÔRO - refrão)

TRUPIZUPE - Uma véia de cem anos de cansou de uma menina
e olhe tia Vitalina se casou com um generá.
Meu avô de oitenta anos que era um véio já cadaver
foi eleito em Pernambuco deputado federá.
Foi tão grande a comfusão que o povo se admirou:
se o mundo não se acabou nunca mais vai se acabar!

(Trupizupe canta o verso final mais lentamente, mais
sendo o ritmo; balança o gandá encerrando o canto.
Durante as últimas linhas, vem se aproximando o cavalo o VICE-REI, às suas costas. No fim do canto, ele
se vira e percebe a presença do outro; evoluções cômicas, com o Vice-Rei inventando e Trupizupe se esquivando).

VICE-REI (autoritário) Posso saber quem é o senhor? E o que faz
aqui? E de onde vem? E para onde vai? E com que autorização cruzou a fronteira? E que história é essa de
estar contando coisas feitas na Jenente, no meio da
estrada?

TRUPIZUPE - Se o senhor não se incomoda, pode começar de novo, que eu já me esqueci da primeira pergunta.

VICE-REI - Estou perguntando quem é o senhor.

TRUPIZUPE - Pois, por falar nisso, eu quero saber quem é o senhor também.

VICE-REI - Eu perguntei primeiro.

TRUPIZUPE - Então responda primeiro - a vez é sua.

VICE-REI (impacientando-se) Seu moleque, você sabe com quem está falando?

TRUPIZUPE - Sei não senhor. Desde hoje que eu pergunto, e o senhor não quer responder.

VICE-REI - Tire o chapéu da cabeça em sinal de respeito! Você está falando com o Vice-Rei deste país, Excelentíssimo Westinghouse Honey-sheik!

TRUPIZUPE (deslumbrado) Mas que nome bonito, parece coisa de lanchonete! Eu devia ter adivinhado logo que o senhor era gente de alto - uma roupa tão bonita, e montado num cavalo desse!

VICE-REI - Agora identifique-se.

TRUPIZUPE (fazendo uma reverência exagerada) Eu sou Trupizupe, o Reio de Silibrino.

VICE-REI (com estranheza) Trupizupe, o Reio de Silibrino? E isso é nome de gente?

TRUPIZUPE - É não senhor, é nome de personagem. Não tem nada a ver uma coisa com a outra.

VICE-REI - Chega de conversa fiada. Passe pra cá os documentos!

TRUPIZUPE (baixinho, enquanto vasculha os bolsos) Danou-se! Nesse reino aqui deve ser muito atrasado - o Vice-Rei trabalha de soldadado-polícia...

(Tira do bolso um papel amarfanhado e entrega ao vice-rei)

VICE-REI (franzindo a cara, revirando o papel nos dedos) O que diabo é isso? Isso é lá documento que se apresente? Não tou entendendo nada!

TRUPIZUPE - Então passe pra cá que eu explico. Bota pra enrolado esse doqui. (Pega o papel, desdobra-o no ar, lê em voz alta). "Através do presente passaporte, carteira de identidade e folha-corrida, autorizamos o senhor Trupizupe, o Reio de Silibrino, a viajar para qualquer país que deseje, sem ser molestado em suas altas funções diplomáticas". (olhando para o Vice-Rei) Tá bom?

VICE-REI ([illegible]) [illegible] Aquele de estrangeiro, deve ser [illegible] [illegible].

TRUPIZUPE (com [illegible]) É, sim, é desse jeito. Lá no [illegible] [illegible] coisas podem não funcionar direito, [illegible] que não gosam [illegible], não.

VICE-REI - Mas também não é assim não-senhor! Ir entrando na casa [illegible] de gente como quem tá entrando na casa-de-Maria. Tem que ser revistado. Que [illegible] é esse aí na mão?

TRUPIZUPE - Esse aqui? Oi! É meu ganzá!

VICE-REI - Ganzá? Que diabo é ganzá?

TRUPIZUPE (didático) - Isso aqui. (ergue o ganzá à altura dos olhos do Vice-Rei).

VICE-REI ([illegible], arrebata o ganzá da mão de Trupizupe) [illegible] de pegar isso pra cá, seu moço. Esse negócio ou é [illegible] ou é uma arma perigosa.

TRUPIZUPE (arrebata na mão pro cá) Pega o que, homem de Deus! Isso é um ganzá de gente embalar nenê!

VICE-REI (irritado) Não venha com conversa, já estou prevenido de que o senhor é muito prosista. Esse objeto fica apreendido e vai ser enviado ao Instituto de Segurança, para ser examinado.

TRUPIZUPE (baixo) Pronto, agora eu me lasquei mesmo. Nem tive começo, o história e eu já perdi meu ganzá. Mas esse aqui não vai embora sem deixar o troco. (conciliador, meio misterioso) Para o Vice-Rei) Vossa Alteza, deixe eu lhe explicar direito do que se trata. Isso aí é um objeto mágico.

VICE-REI - Mágico? Mágico como?

TRUPIZUPE (coçando o cabeça, olhando em torno, tentando impressionar seu ouvinte convidante) Esse troço aí - o senhor tá vendo? Lá licença (pega o ganzá de volta). Tá vendo aqui o arco - latinhas? Pois bem, elas são cheias... de DIAMANTES! (balança o ganzá)

VICE-REI (arregalando os olhos, subitamente interessado) Diamantes? Pra dentro-eu!

TRUPIZUPE (baixo, sinistro) Ei!! Agora tem uma coisa - são diamantes encantados, que um mágico guardou aqui dentro. O senhor, Vossa Majestade pode fazer essa lata, pra tirar elas.

VICE-REI - Então não adianta muito.

TRUPIZUPE - (veemente) Adianta, sim senhor! Porque o mágico que trancou eles aí dentro fez um feitiço que diz o seguinte: só um homem muito ambicioso pode abrir o cofre-forte. Se ele não tiver ambição, não adianta.

VICE-REI - É mesmo?

TRUPIZUPE - É. Esse tal mágico, ele devia o maior valor ao homem que é ambicioso. Ele mesmo era ambicioso que só é assim! Aí ele fez esse negócio do feitiço, e até hoje nenhum homem foi ambicioso o suficiente pra abrir o cofre-forte.

VICE-REI (sem poder tirar os olhos do gonzó) Eita diabo! E você? Por que não tirou?

TRUPIZUPE (teatral) EU??? Mas Vossa Alteza, não tá vendo que eu sou um pobre-diabo, um João-ninguém, um lagarto de gente perdido nas veredas da vida? Quem sou eu pra ter ambição de nada? A única coisa que eu quero na vida é sombra-e-água-fresca, e por falar nisso bem que eu tomava do coco no dedão do pé.

VICE-REI (pegando o gonzó, revirando com mãos) É mesmo, um sujeitinho mequetrefe assim como você não serve nem pra ter ambição. Quanto quer pelo gonzó?

TRUPIZUPE (para a platéia) Ficou tão encantado que nem se lembrou de tomar na marra. (para o Vice-Rei) E eu sei, Vossa Alteza? Ele pra mim não tem muita utilidade, só tava mesmo pra fazer esse barulhinho de chama-chama no quarto e conto para espantar as agruras da vida... ([illegible]) Mas se o senhor quiser me dar cinco mil contos [illegible] to.

VICE-REI (imediatamente) Dou, dou. Tome aí, e feito abri aí. (puxa o dinheiro, paga a Trupizupe) Até logo que eu tô com pressa, tenho uma audiência no palácio).
(vai saindo, dá meia-volta na cavalo; Trupizupe [illegible], ele volta)
O que foi?

TRUPIZUPE - (meio enrolado, tentando explicar) Perai, Vossa Alteza, é que tem outro negócio que eu não explique direito.

VICE-REI - O que é?

TRUPIZUPE - É que o mágico botou outro feitiço também. Ele disse que o cara que abrir o [illegible] não pode ser ladrão, aí o negócio dá-e-erra!

VICE-REI - Dá-o-cráo, cara?

TRUPIZUPE - Os diamantes viram carocos de feijão.

VICE-REI - (começando a desconfiar) Carocos de feijão, não é. Tá muito engraçado.

TRUPIZUPE (insistindo) Mas vê lá, meu Vice-Rei! Vê lá! O ladrão não é um nobre, um barão do Lata? Não tem de que se preocupar! O mágico só falou esse negócio pra prevenir de um lequeque feito ou conseguir abrir a lata. Mas gente fina é outra coisa! Vê na frente!

VICE-REI (confuso, mas cedendo à argumentação do Trupizupe) É mesmo. Isso não tem nada a ver contigo, eu sou de gente azul.

TRUPIZUPE - É, Alteza! Azul, azul-piscina, azul-natiê. Vê lá, homem. Corre logo pra casa e muda o ferro pra ouro, mas vê logo, que pode ser que o feitiço enferrujar e o diabo da lata não abra nada nunca.

VICE-REI - É mesmo! Eu vou é já.

TRUPIZUPE - Pois é! Rápido-e-rasteiro, como quem roubou.

(O Vice-Rei some a galope. Trupizupe conta o dinheiro que recebeu, guarda algumas notas no bolso, enterra o resto no chão).

TRUPIZUPE (monologando) Pois é, parece que o negócio aqui é bom de comércio. Vou guardar esse aqui pras despesas, e o resto eu enterro no lenço, que é poupança de pobre. É bom a gente se prevenir, porque o nosso amigo vai levar uns dez minutos pra descobrir que é ambicioso, e onze pra descobrir que é ladrão. (termina de tapar o buraco) Pronto! Daqui a pouco ele estoura por aqui, que nem cobra que perdeu o veneno. Mas também, que coisa de povo burro! O cabra não saber o que é um gatuno! Cadê a campanha de defesa do folclore, que não vê uma coisa dessa?

(Tropel de cavalo - o Vice-Rei emburrado de cara e de outro, fumegando de raiva)

VICE-REI - Cabra enfado, encrele dum fim, eu sabia que lá ia gato ainda!

TRUPIZUPE (com ar de agradável-surpresa) Oi, meu Vice-Rei, tá por aqui? Mas que lugar pequeno demais, né? - Cada hora a gente tá se encontrando!

VICE-REI (descendo do cavalo e esperneando Trupizupe pelo colete) Cadê meu dinheiro, ladrão? Cadê meu dinheiro?

TRUPIZUPE - Tô falando comigo ou com meu inimigo?

VICE-REI - Com você mesmo, seu ladrão sem-vergonha. Cadê meu dinheiro?

TRUPIZUPE - Deve estar no bolso do senhor. O que eu tenho aqui é o meu, é dumas moradorias que eu vendi agorinha.

VICE-REI (acudindo Trupizupe) Vai pra cadeia, viu? Vai pra cadeia!

TRUPIZUPE - Perai, homem! Assim tá machucando minha jaqueta. (Se solta, ajeita a roupa com mindinho de elegância) Devagar com o andor, que o santo tá com uma dor! Agora o senhor quer se explicar?

VICE-REI (brandindo o ganzá vazio) Mas percebi que você se bandeou, dizendo que tinha diamantes, e só tem carrapato de feijão.

TRUPIZUPE - Mas eu expliquei pro senhor. Se o senhor achou feijão é porque desmanchou o feitiço, e a culpa não é minha.

VICE-REI - E não é mesmo não! É minha, que sou tão tapado que ainda estou numa conversa tão sem-futuro, num cumprador vigário tão besta e tão mal-contado! Mas aqui se faz, aqui se paga. Guarda! (gritando ao guarda; para Trupizupe caricatural) Leva esse sujeito pro cadeia de palmatória, bote ele no masmorra a pão-e-água.

TRUPIZUPE (esperneando nos braços do guarda) A água é mineral-sem-gás, viu, seu Guarda?

VICE-REI - Anda logo! Vai ficar por ai aguardando julgamento, o tempo que eu bem entender.

TRUPIZUPE (sendo arrastado pelo Guarda) Seu Vice-Rei! Seu Vice-Rei!

VICE-REI - O que é?

TRUPIZUPE - Pegue o feijão do ganzá e plante, homem! O que nosso país de vocês tá precisando é de mais roçado e menos prosopopéia!

(Black-out)

CENA 2

(Foco no Narrador)

NARRADOR - E naquele mesmo instante, Trupizupe foi levado para o masmorro central de um castelo gigantesco que era onde residia o monarca do reinado.

(Foco ao lado. Uma mesa, um telefone, um livrão bem grosso, o Carcereiro sentado atrás, Trupizupe em pé)

CARCEREIRO (abrindo o livro) Nome?

TRUPIZUPE - Trupizupe, o Rei de Silitrino.

CARCEREIRO - É estrangeiro?

TRUPIZUPE - Sou sim. E se não fosse incomodar demais, eu queria fazer um interurbano desse telefone aí.

CARCEREIRO - Pra que?

TRUPIZUPE - Ora pra que! Pra me comunicar com meu país e informar que estou sendo desacatado.

CARCEREIRO - Eu não tenho nada a ver com isso. Eu estou aqui é pra registrar os presos e mandar pras celas.

TRUPIZUPE - Pois então com licença. (Faço o telefone, discute) Alô?... Alô?... Telefonista internacional? Linha filho, por favor, me ligue aí com o código quinze-zero-zero... pra falar com alguém do palácio... É isso, é urgente - um cidadão daí em país estrangeiro, e está havendo um problema diplomático... (pausa) Sim, quero falar com alguém do Governo... (pausa) Oxia.

CARCEREIRO - O Governo?

TRUPIZUPE - Não - a ligação.

CARCEREIRO (toma o telefone com força, repõe no lugar) Vocês [illegible] xar de palhaçadas, tá bom? Documento!

TRUPIZUPE (puxa o mesmo papel anterior, entrega).

CARCEREIRO (revirando o papel) Que diabo de documento é isso! Não tou entendendo nada!

TRUPIZUPE - É porque é documento estrangeiro, meu decente. Aí se esqueceu?

CARCEREIRO - E o que é isso?

TRUPIZUPE - É um atestado de bons antecedentes.

CARCEREIRO (estenda o papel) Leio aí.

TRUPIZUPE (desdobrando o papel, lendo em tom enfático)

"Atestamos através do presente, para os devidos fins de direito, que o sádito Trupizupe, o Rei do Calabrino, é pessoa de ótimo comportamento e ilibada reputação, e não fez nada disso de que vocês estão acusando, devendo portanto ser imediatamente posto em liberdade"

(Fica observando o Carcereiro com o rato no olho)

CARCEREIRO (hesitante) É, né? Como documento tá meio esquisito. Mas como é de outro país, sei lá... "Cada terra com seu uso..."

TRUPIZUPE (axiomático) "...cada porco com seu parafuso". Quer dizer? Posso ir embora.

CARCEREIRO - Peraí, não é assim também não. Vou ter que falar com o pessoal graúdo.

TRUPIZUPE - Pois é com esses mesmos que eu tenho uma intelligencia, uma espécie de preconceito.

CARCEREIRO - Problema seu. Em todo caso, não vou mais lhe fazer no momorro. Vai ficar numa cela especial.

TRUPIZUPE - Com TV ou sem TV?

CARCEREIRO - Sem TV.

TRUPIZUPE - Ainda bem. Quer dizer que o caso é menos grave do que eu tava pensando.

(Efeitos luminosos e sonoros. Luz volta a acender-se noutro ponto do palco. Trupizupe e Pancrácio estão presos, frente a frente).

TRUPIZUPE - Quer dizer que você é o inquilino da cela, né?

PANCRÁCIO - Sou, sim. E quem é o senhor?

TRUPIZUPE (para o platéia) Esse aí, ou é batedor-de-carteira ou é ladrão-de-galinha - tá me chamando de "o senhor"... (para Pancrácio) Eu sou Trupizupe, o Rei do Calabrino.

PANCRÁCIO - Eu sou Pancrácio Caramboba.

TRUPIZUPE - Pelo nome, eu já tou vendo que não é da família do Vice-Rei. O que é que tu tá fazendo aqui?

PANCRÁCIO (em tom lamentoso) O senhor não queira saber! Fui [illegible] mãe e ones disse que eu [illegible] tou preso aqui, e já tou com a paciência numa pelota de nada... Não sei [illegible] é que eu vou tirar o sinto para todo.

TRUPIZUPE - E quanto é tua pena?

PANCRÁCIO - Sessenta anos.

TRUPIZUPE - Danouse! E o que foi que tu fizeste?

PANCRÁCIO - Foi o seguinte: eu cheguei aqui no Corte do Rei, pra fazer mandado. Aí o Rei mandou que eu fosse comprar uma coisa no país vizinho - uma jóia, rodia, colarco, essas troçes. Aí eu comprei. Aí quando eu vinha voltando, pensei comigo: "Que rapaz, o Rei tem tanta jóia! Se eu desmandasse um anel, ele não capaz dele nem reparar! E se ele reparasse, eu tava pra dia dizer que tinha perdido na cozinha". Aí pra eu fiz mesmo assim. Peguei o anel mais bonito, e escondi. Quando eu cheguei, o danado do Rei reparou logo! Aí eu disse a ele que dei um tropeço na beira do caminho e o anel caiu dentro...

TRUPIZUPE - ...aí o Rei não acreditou, mandou te dar uns cacetes de cipó e te condenou a 60 anos de cadeia.

PANCRÁCIO (maravilhado) Pois não foi assim!! Como é que o senhor adivinhou.

TRUPIZUPE - É porque eu tenho parente cigano, e anda com o adivinhão no bolso. Mas foi só isso?

PANCRÁCIO - Nada! Foi pior! Esse anel era um anel de honra que o Rei ia usar numa cerimônia, aí ele ficou fulo da vida, e baixou um decreto dizendo que o primeiro cara que fosse visto usando o anel ele mandava cortar a cabeça, mesmo que o cara pôr fosse o ladrão.

TRUPIZUPE - Tá com a moleza, o Rei daqui é bravo. Mas vocês tão com o anel? Cadê?

PANCRÁCIO (olha desconfiado para os lados) Pensei, não tem ninguém não - mas tá costurado aqui dentro do cinto da calça, ninguém reparou. Os caras daqui são caixa-preta.

TRUPIZUPE - É, eu andei notando isso ultimamente. Mas agora o que é que tu vai fazer pra fugir com o anel?

PANCRÁCIO - Fugir? E quem falou em fugir?

TRUPIZUPE - Ói! E vai fazer o que?

PANCRÁCIO - Vou esperar que acabe a pena.

TRUPIZUPE - Esperar?

PANCRÁCIO - Sim.

TRUPIZUPE - Sessenta anos?

PANCRÁCIO - Não, agora só falta 30 anos - 10 meses e 19 dias. Aí quando eu sair daqui, eu vendo o anel e fico rico.

TRUPIZUPE - Mas rapaz, quando tu sair daqui tu já tás com mais de oitenta anos, já tás velho e caduco.

PANCRÁCIO - Sim - mas é melhor velho, caduco e rico do que velho, caduco e pobre. Não é lógico?

TRUPIZUPE - Que é, é - mas de lógica desconhecendo o mundo já tá de bisaco cheio. (pausa) Pancrácio, em contrário de eg perteza tu ainda é meio Natural, viste? Tu é meio tapado.

PANCRÁCIO (coçando a cabeça) É, eu sei. Quando eu tinha pouco anos, mamãe pensava que eu não ia aprender a falar nunca.

TRUPIZUPE - Mas tu aprendesse.

PANCRÁCIO - Aprendi. Com dezesseis.

TRUPIZUPE - Tu tem que estudar, rapaz. Ninguém nasce esperto não, pra aprender estradeirice é preciso cair na estrada. Mas por enquanto a gente tem que dar um jeito de fugir daqui. Eu acho que é fácil.

PANCRÁCIO - O senhor já fugiu de cadeia antes?

TRUPIZUPE - Oro mas tá! Eu sou Grande Mestre Internacional de Fugas do Andrez.

PANCRÁCIO - A gente podia arruinar uns colheres e cavar um tinel até do lado de fora.

TRUPIZUPE - Não, isso só dá certo em filme-de-guerra americano. É dá um trabalho danado, e eu sou preguiçoso, eu só trabalho á com o tronco de tubiba. Eu quero sair daqui sem botar força.

PANCRÁCIO - A gente podia desmoronar o porto e fugir pelo corredor quando fosse dia de execução e tá todo mundo distraído.

TRUPIZUPE - Danou-se! E aqui tem dia pra execução?

PANCRÁCIO - É, dos pretendentes da princesa.

TRUPIZUPE - Que histórias é essa?

PANCRÁCIO - É que tá havendo um concurso aí pra casar com a filha do Rei. Mas o pretendente tem que responder uma adivinhação que ela pergunta, e ela sabe mais de mil, cada qual mais difícil. Até agora ninguém acertou nenhuma, e todo mundo que erra é condenado à morte.

TRUPIZUPE - E qualquer um pode se candidatar?

PANCRÁCIO - Parece que tem que ser de nobreza.

TRUPIZUPE - E a princesa é bonita?

PANCRÁCIO (sonhador) Bonita, boa e bem-feita, e pode ir botando mais "B" nessa história.

TRUPIZUPE - O cabra idiota, por que tu não falaque n[illegible]

PANCRÁCIO - O senhor é não sabido, eu pensei que já se[illegible]

TRUPIZUPE (pensativo) Taí, rapaz... É aí eu entrar n[illegible] rio do pretendente, de eu cair fora daqui. E quando fora, eu me viro.

PANCRÁCIO - Será que dá certo?

TRUPIZUPE (entusiasmado) Se dá certo? CLIM que dar, rapaz! Você, tá falando é com Trupizupe, o Raio de Silibrina! Eu não sou brincadeira não! Eu sou o cão-de-segundo-livro! Quando eu entro numa parada, é luto pro entrochar! (vai até a porta) Vigia! O vigia!

CARCEREIRO- (de fora) Olha a bagunça aí, se não eu mando dar uma surra em todos dois.

TRUPIZUPE - Surra coisa nenhuma, seu xoleldo de ordenança! Você tá falando com um preso importante. Eu tou aqui por um equívoco diplomático, exijo respeito.

CARCEREIRO- Cale a boca senão leva pata.

TRUPIZUPE - Cale a boca você. Se eu tivesse medo de sair [illegible], mandava quebrar os espelhos da lá de cima. [illegible] papel, rabisca qualquer coisa) traque isso aqui [illegible] de pro Rei, urgente, viu? Se não vier resposta [illegible] mesmo você tá atolado.

CARCEREIRO-(pegando o papel) Entregar pro Rei?

TRUPIZUPE - Sim. E não tem esse negócio de por-entrada-no-negócio-de-protocolo não. É pra ir direto pro ele, que eu tou esperando resposta, viu?

CARCEREIRO - Tá certo.

TRUPIZUPE - E tá esperando mais o que, bacon? Tuxa daqui [illegible] bo, parece que nesse terra todo mundo ou é burro ou é preguiçoso.

(O Carcereiro sai)

PANCRÁCIO - Ave Maria, o senhor tem um bocão muito grande. Tá na cadeia, e fala com o guarda como se fosse prisão do Rei.

TRUPIZUPE - Primo eu não digo não, mas gorro eu vou ser [illegible] dias.

(O Carcereiro volta)

CARCEREIRO- Muito bem, pode sair. O Rei vai lhe dar audiência daqui a pouco.

(Abre a porta da cela. Trupizupe vai saindo, [illegible] Ianerdécio com um gesto:)

TRUPIZUPE - O rapaz aí tá comigo.

CARCEREIRO - Epa, isso aí não pode não. O Rei disse que o preso dele é outro. Ele fica.

TRUPIZUPE (encolhe os ombros, olha para Pancrácio com cara de quê-que-eu-posso-fazer?)
É Pancrácio, fica aí por enquanto. A Anistia do Rei é só pela metade, e olha lá.

(Sai. Black-out)

CENA 1

(Sala do Trono. Foco sobre o Rei, sentado no trono: roupa de sacolo grosseiro, botinas, peixeira na cintura, bigodão, bem coroa dourado na cabeça. Trupizupe entra, olhando para os lados, desconfiado)

REI - (voz fortíssima) Pode entrar! Aproxime-se!

TRUPIZUPE (chegando perto, fazendo um cumprimento meio enviesado) Bom dia, Majestade.

REI - Bom dia... (fechando a cara) Que história de bom dia é essa? Ainda não 10 horas da noite!

TRUPIZUPE (solícito, e meio irônico) Eu sei, eu sei, é porque eu gosto de ir logo prevenindo. Do jeito que as coisas vão, a gente nunca sabe o dia de amanhã.

REI - Humm... Quer dizer que o senhor é o tal que anda perturbando o meu reinado, não é?

TRUPIZUPE - Perturbando propriamente não, porque quando eu cheguei aqui eu já encontrei ele, se me desculpa a expressão, meio de porrada pro ar. Agora - que eu andei me distribuindo e teve gente que não gostou, aí foi.

REI (desconfiado) É, né?... Pois venha ver (folheia uma coleção de papéis do tamanho dos Lusíadas) Aqui constam algumas fotos desabonadoras de sua conduta. Segundo o relatório do nosso Vice-Rei, o senhor foi surpreendido perto da fronteira, conduzindo objetos contrabandeados, e, logo depois de uma frustrada tentativa de suborno, foi preso por desacato à autoridade. Finalmente, depois de recolhido à penitenciária local, o senhor pretendeu identificar-se como um cidadão de outro país, desejoso de concorrer à mão da minha filha. Confere?

TRUPIZUPE - Não vou dizer que confere porque aí pelo meio [illegible] bocado de coisa mal-[illegible]. Mas está [illegible]

do fim, que fala que eu sou gente fina e quero estar com o moço, isso aí é verdade.

REI (esfregando as mãos). Ótimo. Na qualidade de nobre, o senhor conhece o protocolo diplomático habitual que rege os contatos entre os fidalgos de uma corte e os de outra, quando aqueles se apresentam diante deste.

TRUPIZUPE (com cara de peteta, esfregando o pescoço) Sim????...

REI (impaciente) Vamos, não me faça perder tempo. Quero ter documento que prove que o senhor é de origem nobre.

TRUPIZUPE (o rosto se iluminando) Ah, não é isso? Porque não disse logo? Peraí um instante. (procura nos bolsos, tira o mesmo papel que tinha apresentado nas cenas anteriores). Pronto, tá aqui.

REI (pega o papel, desdobra, tenta ler; franze a testa, [illegible] a cabeça) Não tou entendendo nada.

TRUPIZUPE (solícito) Deve estar de cabeça pra baixo. Experimente virar.

REI (obedece) Piorou.

TRUPIZUPE - Então desvire, é do outro jeito mesmo.

REI (obedece novamente) Tá muito ruim de ler. Que língua é essa?

TRUPIZUPE (confiante) É coreano.

REI - Não pode ser! Eu leio coreano perfeitamente, fim até na Coreano Linguafone - e não estou entendendo nada!

TRUPIZUPE (fazendo cara de "eita, me atrapalhei") Ah, como o senhor não deixou eu explicar direito. O senhor aprendeu coreano do Norte ou coreano do Sul?

REI (surpreendido) E eu sei?!... Parece que foi do Sul.

TRUPIZUPE - Pois esse aí é o do Norte.

REI (cara de bobaco) Ah, sim. Não tinha quem disse mesmo! Porque eu mesmo não tou entendendo nada.

TRUPIZUPE - Também, quem mandou o senhor ser... (detém-se a tempo) ...um homem ocupado, que não pode perder tempo aprendendo tudo quanto é língua que tem no mundo?

REI - Isso é. Mas afinal me diga: o que é que tá escrito aqui?

TRUPIZUPE (pigarreia) Bem, aí vou citando os seus títulos, como negócio todo...

REI (estendendo-lhe o papel) Pegue, pegue! Leia logo tudo, mas depressa, que eu tenho o que fazer. Dicho dum homem conversador!

TRUPIZUPE (pega o papel, limpa a garganta, lê tudo de um fôlego só, e com voz de locutor do Globo):

"Diploma Extemporâneo e Hereditável que se confere ao tetrarca Trupizupe, o Rei do Silibrino, Condestável Arqui-Pomposo do Condado de Papocunha, Super Grão-Vizir Equestre da Corte de Calafonge, Herói Trágicômico das grandes batalhas do Planto-do-Vai-sem-Medo e do Desfiladeiro da Barranca Preuxu, antigo Daboixador Plenipotenciário no Império de Barra-Pau-Carrador. O portador deste título de nobreza está outorgando a representar esta nação diante de qualquer poder governamental d'além fronteiras, sendo para tanto nomeado Cônsul Desembargador do Comércio Ambulante de Malacacheta, com todos os poderes inerentes ao cargo. Assinado, Bacurítubo Ugulino da Silva... (pausa) ...REI."

REI (que durante a leitura ia arregalando os olhos e dando sinais de estupefação e respeito crescentes) Isso tudo?!

TRUPIZUPE (modesto) Passei por cima de umas besteirinhas - coisinhas, e tal - mas no geral é isso aqui.

REI (animado) Sim senhor! Uma figura tão ilustre, tão respeitável, nos visitando! E pensar que foi preso... Mas não redobramos o policiamento, porque roubaram um anel meu muito precioso, e eu tou doido pra pegar um cara com ele pra eu cortar a cabeça. Mas também ninguém ia adivinhar sua linhagem - afinal o senhor não se veste propriamente como um nobre... (deixa a frase em suspenso, como quem aguarda uma justificativa)

TRUPIZUPE (confidencial) Precauções, Majestade; precauções. Sabe o mundo como está hoje em dia - sequestros, atentados... Para um nobre de minha alta sobre-relevância, é meio seguro andar pobremente vestido, para não chamar a atenção dos malfeitores.

REI (efusivo) Mas naturalmente!Sem dúvida nenhuma! Aqui no Reino, então, a coisa está feia. Metade do povo tá na polícia e a outra metade na cadeia. Mas precisamos comemorar de forma condigna este nosso encontro. (toca uma sineta, entra uma criada O Rei, para Trupizupe:) Vinho francês ou italiano?...

TRUPIZUPE (com uma hesitação de quem [illegible]) Depende do [illegible]. Se não tiver ninguém com cara de [illegible] anos, pode ser [illegible] de jurubeba [illegible].

REI (despacha o criado) Mas vamos ao que interessa. O que [illegible] achando do meu reinado?

TRUPIZUPE (levemente mordaz) Bom, até agora o que eu conheço melhor foi a cadeia... Mas eu queria lhe falar sobre o negócio do concurso.

REI (topa na testa) Mas é isso mesmo, o concurso, o concurso! Que cabeça a minha! O senhor me desculpe, é o excesso de trabalho, eu ando muito mal-acostumado. Bem, é o seguinte: a minha filha única está em idade de casar, mas ela acha que deve escolher seu futuro mar. - [illegible] uma qualidade principal: a inteligência. Sabe, [illegible] não precisa, não é?

TRUPIZUPE (passa a mão na cara, tem uma careta) É...

REI - Riqueza é bom, mas não acrescenta muito - eu [illegible] rico até demais. Aqui, até eu galinhar posso [illegible]. O que eu preciso é de um genro eficiente, dinâmico, e que possa inclusive colaborar na administração do reino. (enquanto ele fala, entra o criado, que coloca um copo a Trupizupe; ele bebe, distraído). Então, minha filha pergunta um enigma a cada pretendente. Quem acertar, casa com ela.

TRUPIZUPE - E se não acertar?

REI - Aí eu não tenho jeito a dar. Minha filha é a coisa mais bela do reino. Se eu não estabelecesse uma pergunta qualquer para os pretendentes, TODO MUNDO ia querer [illegible] submeter ao teste, aí a gente não ia mais ter [illegible] para nada na vida.

TRUPIZUPE (arriscando) Eu ouvi dizer que se o cara erra é [illegible] cado?...

REI (veemente) Enforcado não! Eu mando dar uma surra.

TRUPIZUPE (otimista) Ah, uma surra. Muito bom.

REI - E cortar a cabeça.

TRUPIZUPE (ficando amarelo) A cabeça. (Silêncio)

REI - Como é? Está disposto a concorrer?

TRUPIZUPE (gravemente) Devagar, senhor! - tou consultando o Conselho Deliberativo. Me dá uma coisa - será que [illegible] pra ver o retrato de uma filha?

REI - Claro, não há problema. (cochicha com o criado, que sai novamente) O senhor é bom na decifração de enigmas, senhor Dubeixedor?

TRUPIZUPE - Assim, assim... Eu sou meio telegático, sabia? Pude ontem, pra descobrir que ia com era ladrão, eu só levei onze minutos. (entra o criado com o papel, entrega ao Rei, ele passa para Trupizupe. Ele pega o papel e o desdobra verticalmente, como um poster de Playboy. Fica extático)

REI - E então? Bonita?

TRUPIZUPE (com a voz mudada) Muito, demais. E só não faço mais comentários porque afinal de contas estou na frente da foto dela, aí não pega bem. Quando é que eu posso ir candidatar ao teste?

REI - Bem, amanhã à tarde já tem uns pretendentes inscritos. O senhor pode ficar para depois de amanhã. Enquanto isso, vou dar ordens para que o conduzam aos seus aposentos, e lhe dêem trajes... mais apropriados.

TRUPIZUPE - Muito obrigado. (sumindo) Esse disfarce de plástico já está começando a me cansar. (faz uma reverência, sai com o criado)

REI (pensativo, guardando o papéis) Engraçado, ele acabou não explicar direito aquela história do contrabando e do guarda.

(Black-out)

CENA IV

(Sala do trono. Ao lado do trono, o Arauto. Música pomposa)

ARAUTO - (batendo no chão com o bordão) Sua Alteza Real, o Príncipe Genovevo Lucindescal do Baviera!

(Música. Luzes. Entra o Príncipe, fazendo voltinhas e reverências; roupas surrealistas, psicodélicas, kitsch. Senta no trono)

ARAUTO (lendo um papel como nos filmes medievais) E convidados para que se apresente, diante deste augusto corte, o primeiro pretendente de hoje: o Barão Ferrococó de Araguaia Souza!

(Vem o Barão. Ele e os demais pretendentes poderão ser interpretados por dois atores que se revezam a cada personagem, eles trocarão apenas o chapéu, ou capacete, ou capa que vestirão nos ombros).

BARÃO (faz uma reverência) As ordens de Vossa Alteza.

PRINCESA (olha para ele com jeito crítico, faz cara de que não está gostando) Barão, me responda. Qual é o bicho que tem 90 pés e 160 caras?

ARAUTO - Dez segundos de prazo! 1 - 2 - 3 - 4 - 5 - 6 - 7 - 8 - 9 - 10.

PRINCESA - Sabe não? Pois é um cortucho de filme Super-8. (Faz um cortucho e mostra. Faz um gesto enérgico) Corte-lhe a cabeça!

(O Barão sai)

ARAUTO - Chamemos o próximo pretendente: o Príncipe Cruzeiro-Sino Serrofax Onicronte de Oliveiro Leghorn!

(Entra o Príncipe, mesmas mesuras do barão)

PRINCESA - Príncipe, me responda: o que é, o que é, que quanto maior menos se vê?

PRINCIPE (eufórico) É a escuridão!

PRINCESA - É não, é a distância. Corte-lhe a cabeça!

(Sai o Príncipe)

ARAUTO - Chamemos o terceiro pretendente: o Conde Calofrisio Cinetório Libombo Trigésimo Zabaneiro!

(Entra o Conde. Mesmas mesuras)

PRINCESA - Conde, me responda: o que é, o que é, que quanto maior menos se vê?

CONDE (triunfante) É a distância!

PRINCESA - É não, é a escuridão. Corte-lhe a cabeça!

(Sai o Conde)

ARAUTO - O quarto pretendente, o Arquiduque Xirofrônio Mercúrio Agro de Todos os Contos!

(Entra o Arquiduque)

PRINCESA - Arquiduque, me responda. Qual é o bicho que tem três pernas, uma cauda e oitenta e oito dentes?

ARAUTO - Um... Dois... Três... Quatro... Cinco... Seis... Sete... Oito... Nove... Dez!

PRINCESA - É um piano, seu burro. Corte-lhe a cabeça!

(Sai o Arquiduque)

ARAUTO - (Bate o bastão três vezes) Não havendo mais nenhum pretendente inscrito para o dia de hoje, a corte declara encerrada esta sessão. Anunciemos agora a entrada de Sua Majestade, o Rei

(Fanfarra. Entra o Rei, vai até o trono, a princesa beija-lhe a mão).

PRINCESA - Assistiu?

REI - Assisti tudo. E estou muito preocupado.

PRINCESA - Por que? Tem medo que alguém acerte?

REI - Não. Estou com medo que ninguém acerte nunca, e a nobreza daqui tenha que requerer pensão por falta de pé-de. Estou aqui doido pra cortar a cabeça do ladrão do meu anel, e eu vou dizer tou é entrando um nobre da corte ralinha. Do não passado pra cá, eu já degolei dezoito barões, nove condes, seis duques e arquiduques, onze marqueses, quatro príncipes - e até um cardeal, que não tinha nada que se ter nesse história.

PRINCESA - Mas eu tenho culpa? É todo mundo burro! É cada qual mais velho, mais feio e mais gordo, chega dá um aburro.

REI - Ma minha filha, desse jeito não tem aristocracia que se aguente. Se amanhã tiver uma guerra, a gente vai ter que fugir pelo porto da cozinha. (abana-se, preocupado). Bem, em todo caso, amanhã tem mais três candidatos, inclusive um estrangeiro esquisito que apareceu hoje. E pra acabar com essa história de que todo mundo é feio, os pretendentes vão entrar mascarados, e não vou mais anunciar o nome de ninguém. Volte pro seu quarto, que mais tarde a gente conversa.

(Sacam o Rei e a Princesa. Música, efeitos luminosos, como na entrada. Black-out).

CENA 5

(Foco de luz sobre o Narrador)

NARRADOR - Vocês vêem que o Rei estava bastante preocupado porque estava liquidando com os nobres do reino por causa das adivinhas que nenhum tinha acertado. Trupizupe, por seu lado, assistiu tudo e, sendo oculto atrás da cortina da janela do salão e saiu dali pensando: "Vai ser grande a confusão!" Pensou ele com razão: "Eu já pude observar que essa tal de princesa não tá a fim de casar e fez perguntas de um jeito que ninguém pode acertar". Trupizupe foi andar, de noite, na fortaleza no passar por um jardim viu uma janela aberta e ele desconfiou que era o quarto da princesa.

Foi quando então de repente avançou meio de cachorro correu atrás do herói, [illegible] ou nem dentes deem fora logo-logo [illegible] (Marcação tipo Carlitos, o cachorro atrás do Trupizupe)

Trupizupe no carreiro entra logo pra janela do quarto lá da princesa, e esta na frente e [illegible] ficou com cara de bobo olhando pro cara [illegible]

(Salto acrobático de Trupizupe para outra área da palco; foco de luz; a princesa está em trajes de dormir, encostada numa almofadão, lendo um Fotonovela. Assusta-se com a entrada de Trupizupe)

PRINCESA - O que é isso? Um homem, no meu quarto, em plena noite, de surpresa, sem autorização?

TRUPIZUPE (fazendo uma cesura) Bem, homem parece que eu sou.

PRINCESA (se escandalo, histérico) Socóóóóóóóórrrrooooo!...

TRUPIZUPE - Psssiu, não faça escândalo, pinhã-moça - eu explico - foi o cachorro...

PRINCESA - Socóóóóóórrrooooo!...

CRIADA (botando a cabeça pela porta) Chamou, patrão?

PRINCESA (instantâneamente calma e sorridente; vai caqueta) Cachorro, minha preta - feche aí a porta e fique no corredor tomando conta, que eu acho que vou ficar mais [illegible] aqui na noite.

CRIADA (com um olhar de já-sei-tudo pro lado de Trupizupe) [illegible]...

(A Criada sai e fecha a porta. A Princesa volta-se para Trupizupe com ar de mulher fatal)

PRINCESA - Nobre cavaleiro, explicai-me que ímpeto apaixonado vos levou a transpor, na calada da noite, as umbrais inexpugnáveis de minha alcova de donzela, violando com vossa presença o mais recatado nicho onde eu abrigo a minha honra de moça casadouro...

TRUPIZUPE - Foi o cachorro! Ele me deu um carreiro, queria abocanhar meu mucumbú!

PRINCESA (surpreendida) Meccin?...

TRUPIZUPE (meio desconcertado, percebendo que tem de cuidar de física) Não, perai, deixa eu ver... (assume um ar teatral) Oh, gentil donzélica, precisais saber que sou um pobre [illegible] desamparado, arrivando de terras longínquas, e só [illegible] avistar à distância a vossa formosúncia, e [illegible]

começou a bater uma rumba cerdíaca, que me levou a descobrir os bolefustres de vosso varanda, e depositar aos vossos borzeguins a minha paixão descomedida...

PRINCESA (em voz bucólico-pastoril) Ah!... Então vem, garboso menestrel, tome as minhas mãos e me conduz ao jardim encantado onde as borboletas esvoaçam e os colibris saltitam de galho em galho...

(enquanto falam, os dois executam um espécie de bailado à agarra-agarra bem caricatural; no último frame Trupizupe se detém):

TRUPIZUPE - Por falar em galho, não tem perigo de ninguém vir interromper a gente não?

PRINCESA (frenética) Não, não! Só eu, que serei tua! Agora!

TRUPIZUPE (arregalando os olhos, tirando a roupa da carroceria) Falou! Na voz de "agora", é comigo mesmo! Eu sou Trupizupe, o Noi do Silibrina! Eu sou o cão-chupando-pena! Eu sou o homem que faturou Pancho Ligeiro! Se descuidar o miolo me zoga eu entro com bola e tudo!

(tirando a roupa, os dois se enrolam um no outro de forma grotesca; caem sobre um lençol, vão rebolando até ficarem ambos debaixo dele; luz vermelha sobre o lençol: só se vê os movimentos dos dois sob o pano)

TRUPIZUPE - A... ai... ui... ui...

PRINCESA - Ai... ai... ui... ui...

TRUPIZUPE (cantando) Eu já andei muito estrada, já comi muito b[illegible] mas esse reino daqui espanta qualquer pessoa: tanto os homens têm de burro como as mulher têm de boa. (ai-ai, ui-ui)

PRINCESA - Desculpe que muito eu, é porque não tem ferrão: eu só conheço viola quando toca no bordão; homem que conta vantagem, ai-ai, ui-ui se arrisca a decepção...

TRUPIZUPE - Essa minha falação é uma simples propaganda minha fama é conhecida por onde eu nesse anda; quando eu tou com uma mulher, ai-ai, ui-ui faço tudo que ela manda...

PRINCESA - Eu aqui do minha banda também sou espevitada vou ver o que você tem por detrás desse manto pra ver se é verdade mesmo - ai-ai, ui-ui eu é converso fiado...

TRUPIZUPE - Com o fogo tão animado no meio do galinheiro
a coisa já tá mais quente do que fundo de chaleira
e se fôr nesse agarrado - ai-ai, ai-ai
vou gemer a noite inteira...

PRINCESA - Pois eu nesse trincadeira já sei que vou ter proveito
xoxego de homem e mulher eu já conheço direito
começo de muitas forças - ai-ai, ai-ai
mas só termino dum jeito...

TRUPIZUPE - Chega junto, que eu te ajeito, chega perto, eu vou, tu vai
mais pra cá, fogo um tiquinho, agora sim, ficou bom:
já engatou o vagão - ai-ai, ai-ai
vou dar partida no trem...

PRINCESA - Começou o vai-e-vem, balançar, balançá
desse jeito eu levo a dança até quando o sol raiar:
eu vou gemendo daqui - ai-ai, ai-ai
e você geme de lá...

TRUPIZUPE - Eu sou ferro de engolar espada de espadachim
sendo mais, eu topo tudo, não escolho buq ou ruim;
quem quiser morrer donzela, ai-ai, ai-ai
não passe perto de mim...

(continuam os movimentos sob o lençol; no fim da última estrofe, ouve-se um vozerio indistinto e fortes batidas na porta. Os dois pulam de baixo do lençol)

PRINCESA - O que é isso?

VOZ DO REI- Abre a porta!

TRUPIZUPE (apavorado) É o cachorro! De novo!

PRINCESA - É não, é meu pai.

TRUPIZUPE - Tento faz! Eu vou é cair fora! (corre para a janela)

PRINCESA (aflita) Mas espere! Quem é você? Quando é que a gente se vê de novo?

TRUPIZUPE (saindo) Eu telegrococonfuso...

(ouve-se os latidos de cachorro e os berros de Trupizupe continuam as batidas na porta)

VOZ DO REI - Minha filha! Está ouvindo? Abra a porta!

PRINCESA (abrindo a porta) Que foi que houve, meu pai?

REI (olhando desconfiado em redor) Os guardas me disseram que um dos cães-de-guarda perseguia um ladrão, e ele sumiu nesta direção. Você está bem?

PRINCESA (c/ frética) Tou ótima, pai. O-ti-fo-ji-ca.

REI - Então está certo. Boa noite. Vá descansar, que amanhã outra sessão de adivinhações.

PRINCESA - Boa noite.

(O Rei sai. Ela começa a arrumar as coisas, controla

(Black-out)

CENA VI

(Sala do Trono. Entram a Princesa, o Rei e o Arauto. Luzes, música

REI - Vamos dar início à sessão de hoje. Como anunciei ontem os pretendentes virão mascarados, para não serem julgados pela beleza; e também não serão anunciados com nome

ARAUTO - Que entre o primeiro pretendente!

(Fanfarras. Entra o primeiro, mascarado)

PRINCESA (olhando com curiosidade para o sujeito) Senhor pretendente me responda: qual é o número que começa com um cachorro e termina com um Rei?

ARAUTO - 1... 2... 3... 4... 5... 6... 7... 8... 9... 10!

PRINCESA - Não sabe, azar o seu. Corten-lhe a cabeça.

ARAUTO - O segundo pretendente!

(entra o segundo, também mascarado)

PRINCESA (examinando-o com atenção, para ver se o reconhece) Senhor pretendente, o que é, o que é:

"Quando um cachorro ladrou, na janela ele surgiu
e quando o outro falou, pela janela saiu" ?

ARAUTO - 1... 2... 3... 4... 5... 6... 7... 8... 9... 10!...

PRINCESA - Não sabe, pior pro você. Corten-lhe a cabeça!

(Sai o pretendente)

ARAUTO - Que entre o terceiro pretendente!

(entra Trupizupe, também mascarado, mas facilmente reconhecível pelo andar, ou por algum gesto demasiado que

PRINCESA (arregala os olhos, começando a reconhecê-lo) Senhor pretendente... senhor pretendente... Me responder o que é, o que é:

uma coisa metade preta, outra metade encarnada
se está triste fica cem, quando se alegra é cinquenta
visto do Norte pro Sul é a floresta africana
visto do Sul para o Norte é a parte do [illegible]

fica próximo de um monte, bem pertinho do sol
é regido pela lua, e anda como o caré;
em todo canto do mundo aparece vertical
mas dizem que no Japão ele é horizontal;
permanece sempre inteiro por mais vezes que parta
e é o único bem do pobre que o rico nunca tem;
e ontem passou a noite contente mas inquieto
lembrando da brincadeira que terminou incompleta;
e se você é profeta, ou se sabe adivinhar
dê a resposta concreta: essa coisa, o que será?

TRUTIZUTE (esfrega as mãos animado, pigarreia, dá a resposta):
Ele é parelho de outro que anda sempre escondido
que se estira quando acorda, porque só dorme encolhido;
tem boca mas nunca fala, tem cabeça mas não pensa
se parece a uma cobra, mas é grande a diferença;
quando ela encontra esse outro tem a ferra como certa
os dois logo se abraçam, uma encerra, a outra aperta;
uma é dura, a outra é mole, uma é longa, outra é profunda
cada qual é uma rainha, e é primeira sem segunda.
E essa também passou uma noite mal dormida
lembrando uma troquinagem que ficou interrompida.
Agora, bela princesa, respondo nesse momento
se o que eu disse me autoriza a pedi-lo em casamento.

PRINCESA (fica de pé, faz suspense, com ar fingidamente surpreendido e encabulado) Meu pai... é surpreendente... essa era o enigma mais difícil de minha coleção, e esse pobre sonhador deu a resposta correta. Não tenho outro recurso senão declará-lo vencedor e aceitar sua proposta de casamento.

REI (eufórico e aliviado) Que o campeão tire a máscara, para ser reconhecido pela corte!

TRUTIZUTE (tira a máscara, cumprimenta o plateia com ar de vencedor) Sou eu mesmo, pessoal - eu não falei que era o máximo-figura-de-gente? Isso aqui é Trupizupe, o Bobo de Alibrina! Quando eu entro numa parada eu só bolo pra arrebentar!

(Movimentação confusa: o Rei querendo abraçar Trupizupe, Trupizupe querendo agarrar a princesa, a princesa pedindo a bênção ao pai, os três acudindo a corte; sons de aplausos, fanfarras, assobios, marcha nupcial, marcha de carnaval. Depois de algum tempo, diminui o movimento: o Rei vai falar com o Arouto, enquanto Trupizupe fica a agarrando com a princesa, este não por nada [illegible] ela

dá uma tapa na mão dele, [illegible] dois se fazendo. O Arauto bate com o bastão três vezes, desenrola o papel enorme, começa a ler:)

ARAUTO - "Diante de todos os nobres deste augusto corte, fica oficialmente anunciado o próximo casamento entre a Princesa e herdeira do trono real, Genoveva Lucindescal de Saviere, com o Sr. Iranco Trupizupe, o Rei do Silibrino, que honra o nosso país com sua ilustre visita. Uma vez consumado o matrimônio, o genro real receberá o título de Príncipe Herdeiro do Trono".

REI (adiantando-se, falando para a platéia) Meus caros súditos. Meu ilustre futuro genro e sucessor. Como é do conhecimento de todos, a nobreza do nosso reinado vem sofrendo, nos últimos tempos, lacunas dificilmente reparáveis, com a morte dos mais altos expoentes da fina-flor de nossa aristocracia. Em vista disso, caberá ao valoroso Príncipe Herdeiro acumular os seguintes cargos e funções da corte, deixados vagos pelos mortos de seus titulares:

1) Provedor-Mor da Fazenda Real, cabendo-lhe organizar e fiscalizar a arrecadação-a-mão-armada dos impostos do Reino, prestando contas, semanalmente, à Corte;
2) Grão-Inquisidor do Supremo Tribunal Carcerário, com a obrigação de supervisionar todos os processos criminais em andamento, comparecendo a todos os julgamentos oficiais e providenciando a execução sumária de todos os réus;
3) Supervisor de Planejamento do Ônibus do Comércio, devendo apresentar, a cada trimestre, o plano das transações comerciais externas e internas, fraudulentas ou não, bem como acompanhar de perto a reforma agrária, a atualização das taxas de aluguéis, e a elevação anual dos índices inflacionários.
4) Ordenador Oficial da Corte, com presença obrigatória - dada a sua notória fluência verbal - em todos os banquetes, recepções, jantares, inaugurações, datas cívicas, desfiles, congressos, almoços e funerais que se realizem na esfera oficial.
5) Finalmente, Secretário Secreto da Corte, devendo manter uma documentação atualizada e minuciosa de todos os eventos administrativos e sócio-culturais que se verificarem no seio da nobreza local.

(À medida que o Rei vai tomando as diversas funções, as perneas de Trupizupe vão afrouxando: ele se abraça à cintura da Princesa; ela tenta erguê-lo, abre a cara dele com um lenço, etc. Quando o Rei terminou a leitura, ele está derreado no chão, semi-desacordado, com convulsões. O Rei ajuda a Princesa a levantá-lo).

REI - Mas o que foi que houve?

PRINCESA - Não sei, deve ser a emoção.

TRUPIZUPE - (vai se recuperando, passa o braço nos ombros do Rei) Majestade, dá licença? Eu queria um particular com o Sr.

REI - Pois não.

TRUPIZUPE (puxa o Rei para perto da platéia) Majestade, se eu entendi bem, eu vou ficar fazendo aquelas trabalhos todos.

REI - Exato.

TRUPIZUPE - E como é que vai dar?

REI - Oi, e sou eu que sei? O senhor é um homem inteligente - não venceu o concurso? Pois inteligência é pra isso: pra trabalhar.

TRUPIZUPE - Isso é um ponto extremamente louvável, mas vamos em frente. Onde diabo eu vou arranjar tempo pra fazer aquilo tudo?

REI - Oro, com umas 20 horas diárias dá tranquilamente.

TRUPIZUPE - Sim, sim, mas digamos - e a minha vida... hum... conjugal? Afinal de contas, meu filho tá aí, né?... E mesmo, o senhor sabe como é - a gente tem que estar ali, e coisa e tal...

REI - O senhor pode passar um fim-de-semana com ela todo mês.

TRUPIZUPE - Agora danou-se tudo. Assim não dá pra Deu não!

REI (começando a se irritar) Quer desistir?

TRUPIZUPE (imediatamente) Não, nunca, jamais, em tempo algum. Tou só pesando os prós e os contras.

REI - Então vamos voltar para a cerimônia.

(Continua a cerimônia: lanche, dança, música, etc.)

(Black-out)

CENA I

(Voz no narrador)

NARRADOR - Trupizupe desta vez tá entrando pelo cano só porque não esperava o golpe do soberano e vai ter que trabalhar os dois meses do ano.

Mas quem tem sangue cigano não se aperta por tão pouco. Trupizupe pensou logo num golpe meio de longe que poderia tirá-lo daquele grande sufoco. Porisso, esperou um pouco e à noite, depois de tudo, ele saiu escondido por volta das dez e meia e foi falar com Fancrácio lá no meio do cabaré.

(Foco de luz ao lado. Fancrácio sentado na cela. A porta se abre, entra Trupizupe, elegantemente vestido.)

FANCRÁCIO (assombrado) Valei-me, alma Nossa Senhora dos Abbbbbadas! Isso é o senhor? (apalpa Trupizupe, que fica pasmo, valdoso) Ave Maria, o senhor tá muito elegante, seu Trupizupe! Tá vendendo enciclopédia?

TRUPIZUPE - (dá-lhe uma tapa) Enciclopédia o quê, rapaz. Eu tou em vésspero de ser príncipe, tá sabendo?

FANCRÁCIO - Vige Maria, não pode ser. (leva a mão nos olhos) Eu acho que vou dar uma turica.

TRUPIZUPE (segurando o outro) Dar uma turica coisa nenhuma, rapaz. Deixe eu te contar a história, que eu tenho um negócio pra combinar contigo.

(Trupizupe cochicha no ouvido de Fancrácio, que vai fazendo ráticas exageradas de surpresa, medo, suspense, alegria deslumbramento, etc.)

FANCRÁCIO - Desse jeito?

TRUPIZUPE - Desse jeitinho, rapaz.

FANCRÁCIO - Mas o senhor é fogo. Antesontem teve aqui no cabaré, e agora tá rico, vai casar com a Princesa, e vai ser Príncipe!

TRUPIZUPE - É bom, né? Já pensou se fosse tu, Fancrácio?

FANCRÁCIO - Eu? Eu não quero nem pensar, que me dá uma turica (dá a turica de novo, Trupizupe segura)

TRUPIZUPE - Peraí, rapaz, fica em pé - O cabra fraco! Escuta, eu quero fazer um trato contigo.

FANCRÁCIO (recuperado) O que é?

TRUPIZUPE - É o seguinte: o golpe tudo deu certo, mas agora eu tou com um problema. Casar com a princesa tá ótimo. Por esse negócio de trabalhar pra boi é que tá se cochando o caco. Problema de saúde, não sabe? Eu sofro de alergia hipática: quando começo a trabalhar, me dá um sono danado. Aí eu quero que tu me ajude.

FANCRÁCIO - Mas como?

TRUPIZUPE - Tu casa com a Princesa em meu lugar.

PANCRÁCIO (dá o turico de uma vez por todas, com um "ai". Trupizupe o socorre, ele se recupera, aos poucos). O senhor tá doido?

TRUPIZUPE - Tou doido nada é pra me livrar desse atacaxi.

PANCRÁCIO - A Princesa?

TRUPIZUPE - Não, o emprego. Mas como é? Vai querer ou não vai?

PANCRÁCIO - Mas como é que um troço desses pode dar certo?

TRUPIZUPE - É muito fácil, rapaz. Eu dou um jeito de tu fugir daqui da cadeia - agora tá fácil. Aí no dia do casamento tu veste minha roupa, e dá pro enganar. A gente é mais parecido, e o povo daqui é burro.

PANCRÁCIO - E a Princesa?

TRUPIZUPE - Ela não tá nem ligando, rapaz! Do jeito que ela tá, ela casa agora até com a mãe-de-lontanha! Como é? Tu vai topar a parada, ou esperar 60 anos pra verder esse anel?

PANCRÁCIO - E se na hora eu me atrapalhar?

TRUPIZUPE - Eu fico por perto. Eu me visto de dama-de-honra pra ir junto da Princesa, aí vou te ajudando. Como é? Feito?

PANCRÁCIO (num arranco) Topo! Pra ninguém dizer que eles de turico eu sou medroso!

TRUPIZUPE - Então dá certinho nós dois, porque eu sou esperto, mas em compensação sou frouxo que só a mulesta!

CENA 6

(Sala do Trono, mas outro ornamento, claro. Tudo como transcorre durante a execução, em fita, da música "Eu vou pro casamento". Ela na tradição de flashes rápidos que mostram os diversos personagens se preparando para a festa; depois de cada flash, há um black-out momentâneo. Breves):

BLACK-OUT

FLASH: Foco de luz sobre o Rei, acocorado num canto, escovando os dentes.

BLACK-OUT

FLASH: Foco de luz sobre Pancrácio, noutro ponto do palco, lavando os pés numa bacia.

BLACK-OUT

FLASH: Foco de luz sobre o Criado, noutro lugar, ajudando a Princesa a vestir uma roupa complicada.

BLACK-OUT

FLASH: Foco de luz noutro ponto, sobre Trupizupe, que está se arrumando de dama-de-honra.

E assim por diante. Esse processo será usado ao longo da apresentação da cênica, e irá descrevendo na seguinte ordem:

1. Os personagens se vestindo
2. O Rei trocando a Princesa de lado, junto do [illegible] e Trupizupe atrás, de dama-de-honra, trajegando [illegible] saia.
3. Pancrácio trocando dois [illegible] à cabeça, junto do padre.
4. O Rei entregando a Princesa a Pancrácio, que se atrapalha todo, aperta a mão da Princesa e dá um beijo no Rei.
5. O padre lendo uma algaravia qualquer em latim. Trupizupe puxa um gibi de baixo do [illegible] e fica lendo.
6. O Padre encerrando o casamento, e começa um [illegible]: Princesa, e Pancrácio beijando o padre, e [illegible] concertado, atirando beijinhos para a platéia.

Canção: "Eu vou pro casamento"

(De preferência, a gravação da canção deve ser feita por um grupo de pessoas, com um solista, ou vários, puxando os versos, e todo mundo entoando o refrão, da maneira mais bagunçada possível: acompanhamento de violões, bateria, ruído de copos e garrafas, risadas, etc.)

REFRÃO: Eu vou pro casamento, eu vou pro casamento
eu vou pro casamento ver os noivos se casar.

SOLISTA - Uma noiva pra casar, um dia pra cancher o pango
um seu-vizin de aliança, um galope à beira-mar
um ferrão de mangangá, um piado de coruja
um saco de roupa suja, um chofer de caminhão
um almoço no fogão, um noivo pro dito-cujo.

(CORO: repete o refrão)

SOLISTA - Duas canadas de vinho, duas buchada bem quente
dois coturno de tenente, dois terno branco de linho
duas brigo de vizinho, duas novela de rádio
duas soldo-e-alinda, duas espiga de milho
duas cachorra no cio e dois cachorro amarrado.

(CORO: repete o refrão)

SOLISTA - Três parelha de padrinho, três cantinho do pau-d'ôco
três chute de arranca-tôco, três pacote de cocinha
três cocô de passarinho, três torneira mal-fechada

três cadeira na calçada, três trabalho de casado
três vício no cabaré e três colher descuidada.

(CÔRO: repete o refrão)

SOLISTA - Quatro padre no altar, quatro turno de capoeira
quatro caroço de cange, quatro pedra de moeder
quatro pau pra juntar, quatro mastro de bandeira
quatro roma de beateira, quatro beato dando esmola
quatro matuto sem foice e quatro galho de ingazeira.

(CÔRO: repete o refrão)

SOLISTA - Cinco ferro de engacar, cinco bêbo dando arrôto
cinco buraco de esgôto, cinco mexe de bilhar
cinco cabra no ganzá, cinco porta com trancela
cinco papo com cancla, cinco saco de algodão
cinco cavalo alazão e cinco [illegible] na cancela.

(CÔRO: repete o refrão)

SOLISTA - Seis horas por cada dia, seis menina de castigo
seis emplastro no inbigo, seis talho de colonia
seis caco de alvenaria, seis cacho de capoeira
seis caixa de guardanapo, seis talho no cabeira
seis chá de erva-cidreira, seis licor de jenipapo.

(CÔRO: repete o refrão)

SOLISTA - Sete sala de energia, sete sol de rapadura
sete ôi na fechadura, sete tralha Deus-Dia
sete muito de folia, sete lençol pro lavar
sete jogo de azar, sete palmo de fundura
sete pio de saracura e sete pulo de prá.

(CÔRO: repete o refrão)

SOLISTA - Oito marcante de xote, oito trunfo de baraca
oito pena de peteca, oito redilho de pato
oito cobra dando bote, oito olhar doce menina
oito rei da silibrina, oito panela de grudê
oito vazante de açude, oito galo de campina.

(CÔRO: repete o refrão)

SOLISTA - Nove nego no chicote, nove mulo cara o canco
nove igreja azul e branco, nove chifre de garrote
nove perna de caçote, nove rendrio de cêro
nove pelo de rebôco, nove fole de sitio-beiro
nove curva de riacho, nove gal[illegible] .

(CÔRO: repete o refrão)

SOLISTA - Dez doutor de engenharia, dez gari usando tanga
dez confeito roseo-bocc, dez cirrúia da cerveja
dez selo de monteria, dez corse vendo a miseria
dez canido de preguiça, dez dente de coninana
dez onça suçuarana e dez soldado de polícia.

(CÔRO: repete o refrão)

SOLISTA - Dez doutor de engenharia, nove nego no chicote
oito carcante da xote, sete sala de energia
seis hora por cada dia, cinco ferro de engomar
quatro padre no altar, três parelha de padrinho,
duas canada de vinho p uma noiva pra casar...

(Barulho, assobios, aplausos cercando o fim da canção)

(Black-out)

CENA 9

(Encerrado o cerimônia do casamento, a luz recai sobre Pancrácio e a Princesa, que vão caminhando de braços dados; Trupizupe vai atrás, ainda de dama-de-honra, segurando a cauda da princesa e de vez em quando olhando por baixo. Chegam na porta do quarto, param).

PANCRÁCIO - (fazendo um gesto de mandar embora) Pronto, seu Trupizupe, até que enfim deu tudo certo.

TRUPIZUPE - (tirando a peruca) É mesmo. Eu não falei que não ia ter problema.

PANCRÁCIO - Foi. O senhor é fogo!

TRUPIZUPE - (displicente) Ah, e é porque você ainda não me viu botando ganzá. (se abana) Eita calor de cabaço, eu não sei como é que mulher aguenta andar com tanto pano. (olha de repente para Pancrácio) Bora, rapaz! O que é que tu tá esperando?

PANCRÁCIO - Eu? Não tou esperando nada.

TRUPIZUPE - Então vai fora, rapaz. Ou tu vai querer entrar na porta junto comigo e minha mulher?

PANCRÁCIO - (ofendido) Sua mulher? Não senhor! A mulher é minha!

TRUPIZUPE - (com as mãos nas quadris, arremedando o outro) "A-mu-lé-é-mi-nha"... Tá me desconhecendo, bichinho? Eu sou Trupizupe, o Raio de Silibrina! Eu sou o raio-reverso na escuro! Tá querendo se fazer de doido? Se faça não, que doido tambêm apanha!

PANCRÁCIO - (tocando o pé) É minha, ... quem disse que ... foi eu, respeito! (para o Princesa) Mulher! Você ... quer? Não foi com Trupizupe, o Pato de Gilitrina?

PRINCESA - (abobalhada) Foi, eu acho que foi.

PANCRÁCIO - (em desespero) Não foi coisa?

PRINCESA - (coisa tom anterior) Foi, eu acho que foi.

TRUPIZUPE - (meto o cacaudo ao Pancrácio) Ah, serpente venenosa! E dizer que eu te criei no meu seio, e te amamentei na infância, pra você vir me fazer uma ingratidão tamanha! Pena que diz o ditado, "quem criar corangueijeiro, não reclame a ferroada"!

PANCRÁCIO -(ficando valente) Teia é isso mesmo! (para a Princesa) Eu não pedi pra cocar com ele não, foi o senhor que inventou essa história. Agora aguente!

TRUPIZUPE - Ah, que o moleque tá encrescando o congate pra meu lado. Peraí, bichinho! (meto-lhe o cacaudo; perseguição cômica entre os dois; a Princesa desmaia, vê que ninguém prestou atenção, desmaia de novo - várias vezes)

PANCRÁCIO - Sai-pra-fora, volta-pra-trás! Comigo o trunfo é pau, meu canelô de novena! Se se meter a besta vai rancar pa nó da pela!

TRUPIZUPE - Chegue cá, danado; que eu lhe mostro com quantas cobiras se faz uma rede!

PANCRÁCIO - (devolvendo os cacaudos e pontapés, e correndo) Não venha não! Não venha não, que eu furo um!

TRUPIZUPE - Furo o que, cobra sofado! Você pode furar uma é com o chifre! Toca lá! (mais cacaudo).

PANCRÁCIO - (cacaudo em Trupizupe) Você tem muito é birra, seu Trupizupe! Só quer pegar garapa, né? Tá pensando que tudo é dia-santo?

TRUPIZUPE - (esbaforido) Ah, cobra de peia! Deixa eu te pegar, que eu mando te derreter pra fabricar pinico! (continua a perseguição)

PRINCESA - (aos berros) Vocês querem parar com isso, magote de besta besta? Diabo duma letania, um noite de casamento! Daqui a pouco vai alcançar o castelo todo, aí vem o padre, vem meu pai, vem o cachorro...

TRUPIZUPE - (para imediatamente) Peraí, tira o cachorro da história. (olha para Pancrácio) Te aquieta aí, rapaz, vamos fazer um acordo.

PANCRACIO - (afogante, desconfiado) Acordo com o senhor eu acho meio difícil eu fazer, a gente só faz pra se lascar no fim.

TRUPIZUPE - (arrogante) No fim o quê, rapaz. O cabra cuida se lasca no começo também - e no meio, então, nem se fala.

PANCRACIO - O que é que o senhor quer?

TRUPIZUPE - (para o platéia) Oi, já tá melhorando. Inda agora tava te chamando de canalã, agora já virou "o senhor" de novo. (chama Pancrácio à parte, passa o braço em cima dele) Pancrácio Canucabemba, amigo velho - a gente já passou por muitas aventuras juntos, não foi?

PANCRACIO - Foi não senhor, a gente se conheceu antesontem.

TRUPIZUPE - (impaciente) Ai meu Deus, todo cabra burro acha um por objetivo. Tanto faz, homem - dim que foi - isso é uma pergunta retórica, só pra preparar o terreno, entendeu? (em tom confidencial) Escuta aqui: na realidade, eu não tou MUUUITO a fim do princesa - sabe como é: gosta muito fina, muito filhinha-de-papão, muito cheia de frigulifício. Eu gosto é de uma mulher despachada, assim feito eu (faz um gesto indicando as roupas femininas, todas desarrumadas).

PANCRACIO - E daí?

TRUPIZUPE - Daí, cabra besta, que quem vai ficar casado com ela é tu mesmo! Eu só tou querendo ver o filme, não é morar dentro do cinema não! Eu não já te falei que tou a fim de cair fora desse reinado? Agora tem uma coisa: eu quero passar só essa noite com ela. Tu sabe - uma despedidinha, etcétera, porque afinal de contas a gente ficou quite amigo... E tem também uma coisa que eu deixei pela metade, e eu não sou homem pra pegar um serviço e largar no meio.

PANCRACIO - (já se convencendo) É, né? Era só hoje?

TRUPIZUPE - Ei! É só hoje, só agora de noite! Quando o galo cantar, eu ajunto meus penos-de-bunda e meto o pé na capoeira!

PANCRACIO - Mas não fica um negócio meio esquisito? Tu se casa e o senhor vai dormir com a noiva?

TRUPIZUPE - Tá no que dá a gente dialogar com gente inculta, sem formação clássica. (para Pancrácio) Rapaz, isso é costume medieval, costume fino de tempo antigo! Coisa altamente moçoite! Quê que tu tá pensando? Antigamente só quem fazia isso era rei, rainha, esse povo bem Zona-Sul.

PANCRACIO - É, né? Acho que é porque eu não tou bem acostumado...

TRUPIZUPE - É, é isso mesmo! Mas com o tempo se acostuma! A gente se acostuma até com reumatismo, que é muito pior, quanto mais com um besteiro desse!
(passa a mão nas costas da Princesa, vai entrando com ela)

Agora, se não fôr incômodo, tu me faz um favor. Fica com cuidado aí da porta, pra ver se ninguém interrompe, porque eu sou meio encabulado, e quando me interrompem eu perco dessas coisas eu posso uns quinze minutos pra me recuperar de novo.

(Black-out)

CENA 10

(Foco no Narrador)

NARRADOR - E Trupizupe passou com a Princesa a noite inteira no xonego e no mexido, no refrão da gonadeira e quando o galo cantou ele pulou da esteira.

(Foco em Trupizupe, com as roupas na mão, acordando Pancrácio que está adormecido no chão).

TRUPIZUPE - Seu Príncipe! Seu Príncipe! Vossa Alteza!...
PANCRÁCIO - (dá um pinote) Hã? O que foi?
TRUPIZUPE - Já vou embora. Agora eu queria que a gente trocasse essas roupas, que é pra ninguém me conhecer na entrada. (troca de roupa rapidamente) Agora pegue esse negócio aqui (entende um papel para Pancrácio)
PANCRÁCIO - (olha o papel) O que é isso? Não tou entendendo nada.
TRUPIZUPE - Isso é meus documentos, roupas. Tu não vai ficar aqui no meu nome? Qualquer coisa, tu mostra isso aí.
PANCRÁCIO - Que diabo de documento é esse?
TRUPIZUPE - Pra falar a verdade, não é documento não - isso é a bula de um remédio pro lombrigo que Mãe me deu quando eu saí de casa. Mas aqui nessa tua terra, se tu disser que é a escritura de um terreno na Lua, todo mundo acredita. Bom, vou chegando. Dê um abraço, e desculpe as mal-traçadas linhas.
PANCRÁCIO - (emotivo) Ah, seu Trupizupe, eu detesto despedida. Me acho que vou dar uma turica.
TRUPIZUPE - (vexado) Não, por caridade. Se apresse aí, que eu vou andar.
PANCRÁCIO - (aperta a mão de Trupizupe) Muito obrigado por tudo.
TRUPIZUPE - (magnânimo) Não foi nada, não foi nada. Você sinta-se

se ajudar muito, Pancrácio. Você não roba, mas você é uma bomba-relógio que eu tou deixando na mão do Rei.

PANCRÁCIO - É, né? (orgulhoso) Precisa eu fazer alguma coisa?

TRUPIZUPE - Basta fazer o que te mandarem, do melhor jeito que der na tua cabeça. Tá mais, Pancrácio. Como dizem os passarinhos lá no França: vou revoar!...

PANCRÁCIO - (acenando) Revoa, seu Trupizupe!! Capriche nesse!

(Foco no Narrador)

NARRADOR - Quando o dia clareou, Trupizupe ia apressado para aquele tal lugar onde já tinha passado e o ouro do Vice-Rei ali deixara enterrado.

(Foco sobre Trupizupe, que vem contorcendo; se abaixa no chão, faz gestos de cavar e pôr algo no bolso).

TRUPIZUPE - É, acho que tá na hora de partir pra outro canto. Bicho dum país complicado, esse. Eu vim aqui só pra ver se arranjava uma feira onde cantar, e acabei fui parar dum ganzá, indo pra cadeia, me vestindo de mulher, levando dentada dum cachorro e levando cascudo dum retardado. (pausa) Mas em compensação, achei uma princesa - e o mais que eu já tinha cobiçado era mulher de delegado! (mostra o dinheiro na mão) E tou voltando com o bolso mais pesado, o que já é alguma coisa.

(enquanto ele fala, surge o Vice-Rei; repetem-se as mesmas marcações da cena inicial).

TRUPIZUPE - (esquivando-se de uma avançada mais violenta) Ôpa, quem disse ôpa? Devagar, com a ligeireza, que a vagareza se cansa! Cuidado aí, meu decente, senão eu solto uma bolsa de gude na rodovia.

VICE-REI - (desconfiado) Esse cara não me é estranho. Eu acho que já lhe vi não-sei-onde.

TRUPIZUPE - Eu também já vi o senhor, e foi lá mesmo.

VICE-REI - Ah, já sei. Tou lhe achando muito parecido com um vigarista que apareceu aqui no Reino e acabou se enrolando com o filho do Rei, ontem de noite.

TRUPIZUPE - Então não pode ser eu, né? Se fosse eu, o tava era lá, no morninho - e não aqui no meio da estrada, pedindo carona o jumento.

VICE-REI (cada vez mais desconfiado) Mas eu tou achando muito parecido. Essa história tá mal contada.

TRUPIZUPE - (para o platéia) A coisa tá engrossando - o jeito é aplicar o tático-estratégico de emergência, terceira variação Sudoeste, número B.
(volta-se para o Vice-Rei, faz cara e voz de tiso)
Acoach, eu sei. Deve ser um irmão que eu tenho. Ele é muito parecido comigo, e vive andando pelo mundo.

VICE-REI - Ah, é?

TRUPIZUPE - É. É um cara assim, feito eu, muito parecido. Só tem uma diferença, é que ele é esperto e eu sou burro que só a gota. O nome dele é Trupizupe.

VICE-REI - Isso mesmo! Trupizupe, o Fresco de Drilhantina.

TRUPIZUPE - Não senhor, o Raio de Silibrina.

VICE-REI - (com um gesto impaciente) Tanto faz como tanto fôr, quem dá o preço é o freguês!

TRUPIZUPE - Pois é ele mesmo. Um cara que vive contando côco...

VICE-REI - Isso mesmo.

TRUPIZUPE - Conversa mais do que o bocca-de-cabra...

VICE-REI - Confere!

TRUPIZUPE - Mente que só cigano...

VICE-REI - Isso! Isso!

TRUPIZUPE - E a coisa que mais gosta no mundo é carolar lavrador rico.

VICE-REI - Pois é,... (refreia-se de súbito) Bem, isso aí eu não sei. Mas quer dizer que é seu irmão, né? E você, o que é que tá fazendo por aqui?

TRUPIZUPE - Eu vim ver se arranjava trabalho, né? Um trabalhinho de alugado, num roçadinho... ou qualquer serviço em obra do governo: quebrar pedra no meio da rodagem, fazer barragem em rio seco, cavar buraco pra esperar chuva...

VICE-REI - (coçando o bigode, com ar de quem faz planos) Pois deixe comigo, bichinho. Atirei no que vi, matei o que não vi. Não posso mais pegar seu irmão, mas agora você paga o pato. (alto, para Trupizupe:) Me diga uma coisa: você conta côro também?

TRUPIZUPE - Sinhô?...

VICE-REI - Esses côcos-de-embolada, essas bosteiras que seu irmão conta. Você conta também?

TRUPIZUPE - Não senhor, a única coisa que eu contei na minha vida foi o piniqueiro de Compadre Nicolau, e ele me deu uma surra de arame e um banho de água-de-sal.

VICE-REI - Ah, é uma joia. Porque eu tenho um objeto aqui... (remexe na roupa e retira o anel) ...que eu achei no meio do entrado, e eu estava a fim de vender ele pra o senhor.
Mas já que o senhor não conta...

TRUPIZUPE (arregala o olho; para a platéia) É meu anel! Ele está pensando que esse papongo já tinha dado fim a ela! (para o Vice-Rei) Ah, Vossa Excelência, isso tá interessa núlta! É eu esse todo mundo conta! Papai no fole-de-oito-baixo passa a noite metendo o dedo, e mamãe com a moreca balançada! Me mostra aqui. (pega o anel) Oxente, é abrirou?

VICE-REI - Abriram, mas ainda serve. É só botar uns troços dentro.

TRUPIZUPE - (apalpando os bolsos, triste) Mas, Excelência, como é que eu posso lhe comprar isso? Eu sou um pobre coitado, que não tem no cu o que o priquito ros...

VICE-REI - Ah, eu só vendo por cinco mil contos.

TRUPIZUPE - (para a platéia) É tão burro que não quer nem tirar vantagem, só quer o dinheiro de volta. (remexe nos bolsos, para de repente, apalpa alguma coisa com ar de surpresa; rezga um pedaço do cosmos, extrai qualquer coisa) Espera, rapaz, agora é que eu me lembro - esse cosmos é o de feiticeiro! E o besta nem se lembrou... (ergue a anel no meio dos dedos) O anel, rapaz! O anel do Rei!...

VICE-REI (curioso) O que é que você tem aí?

TRUPIZUPE (escondendo o anel, com um gesto de "perdi!") Eu inventei aí, seu Vice-Rei! Deixe eu inventar uma história! Repentista precisa pensar também. (Pausa. Volta-se para o Vice-Rei). É o seguinte - isso aqui é uma jóia de família, que eu ia carregando escondido - mas na voz de ganso, eu prefiro fechar o negócio - porque, o senhor sabe, não somos uma família de artistas, e a gente preza muito a nossa arte do que os bens materiais... (faz um gesto de desprendimento, estende o anel para o Vice-Rei) Se o senhor não vê obstáculo, a gente troca um no outro, e estamos conversados.

VICE-REI (arregalando os olhos) Incrível! (pega o anel) Um anel belíssimo, valiosíssimo! Pois tá feito o troca!

TRUPIZUPE (irônico) Então é todo seu, pode enfiar.

VICE-REI - Hein?

TRUPIZUPE (com um gesto didático) ... no dedo.

VICE-REI (enfia o anel) Nunca pensei! Que sorte danada. Tá na cabra

bento como esse! Vou embora logo, antes que ele resolva mudar de idéia! (acena em despedida) Bem, amigo, tou com pressa, tenho que ir ao Palácio para uma audiência com o Rei. Prazer em conhecê-lo!

TRUPIZUPE (saudando) Idem ibidem, Excelência! Não se esqueça de ir usando o anel. Isso aí é jóia apropriada pra audiência real. E se ver meu irmão por lá, diga que eu mandei lembrança, e mãe mandou dizer que se ele voltar pra casa traga de novo a chave tá no vaso de plantas do terraço.

(desaparece o Vice-Rei, eufórico e apressado)

TRUPIZUPE - (agita o gonzó, curte o som) Bita coisa bonita, meu Deus! Valei-me, minha padroeira! (olha em redor, decidido, sonhoreiro:)
Adeus, terrinha esquisita
terra de homem burro e de mulher bonita!
Adeus, princesa Genoveva
com quem me entrelacei no futebol de paixão.
Interromperam nosso jogo quando estava 0x0
mas tava ganhando na prorrogação...
Adeus, Vice-Rei ladrão
tapado e gananciosa;
que por causa de um anel vai perder hoje a pescoço.
Adeus, Rei rabo-de-cuia
que queria arranjar um genro otário
pra carregar o país nos costas
feito um camelo ou um dromedário;
e arrumou foi um príncipe-herdeiro
com tanta disposição e tão pouca inteligência
que antes do mês de fevereiro
vai conduzir o trono à falência.
Adeus, amigo Pancrácio,
vestibulando de estradeirice;
faça sempre o que eu digo, não faça o que eu faço,
e depois de ter feito, não diga a ninguém que eu disse.
Boa-noite, platéia tão simpática
espero ter feito vocês rir;
quem gostou, seja dizendo aos conhecidos
que amanhã venha cá para assistir.

(balança o gonzó, canta)

O meu nome é Trupizupe, o Rei do Saltrinho
eu faço o looping-the-loop na Rua de Catarina
quem não gostar me desculpe, meu contar é assim
quando eu nasci tive crupe, porque que o vou fazer
e vou voltar com o minha "troupe" para de terra...
Campina...

CÔRO (mesma posição da cena inicial)
Quando eu pego a contar minhas besteiras
Cristo desce da cruz e sai correndo...

TRUPIZUPE - Quando eu pego a contar meu limeirique
a conguela rotunda se estrepola
não tem trinca-de-bói nem sulo-sole
que achinchele a peixeira do cacique.
Eu me escoro no meu mesultiplique
e as donuta do Cão vai se afundando
no pendurá embrecado vai-não-vendo
rolinã dos cunhão de Zé Limeira...

CÔRO - quando eu pego a contar minhas besteiras
Cristo desce da cruz e sai correndo...

TRUPIZUPE - Quando eu baixo o baião do bate-boca
esputeço o/ sarau da concubina
esfrangalho o cabeço do retina
com o sancanca donida e parra-louca.
Tripanêssoma-cruz na tripa oca
e os contrôle de mãe se arrefedendo
debandar com as outruca estremecendo
e embolar merda-cheiro na ladeira...

CÔRO - quando eu pego a contar minhas besteiras
Cristo desce da cruz e sai correndo...

TRUPIZUPE - Eu sou raio-reverso no escuro
com uma estrela na testa e o Cão no couro
sou coringa, coriaco e pau-de-aura
sou madeira de dar em dedo-duro.
Chapeleto escorado no sacanburo
e espiando as pauteira, cego e veado,
esculápio de mãe do escolopendro
dos mirrôis de trocoma na algibeira...

CÔRO - quando eu pego a contar minhas besteiras
Cristo desce da cruz e sai correndo...

TRUPIZUPE - Eu trapeço o anzol de pirulito
e senfonho carniço num entonto
sou caruncho e capim na ponta do ponto
só trabalho com o trapo do tubiba.
Sou o enterto-panhol da Parafina,
era, fui, sou, serei, indo tou sendo,
trinco bolo, os mllico sai fedendo,
gudibói, saiz de sil no toroqueiro...

CORO - quando eu pego a cantar minhas beteiro
Cristo desce da cruz e sai correndo...

TRUPIZUPE - Zongarreio nos cós da Eternidade
sarrafeio o fulô inculto e tola
ruminol ruminando a clientela
teimosia de luz na escuridade.
Todo dia eu consumo a mocidade,
rapadura que a vida vai ruendo
com os caninos, que a série vai cuendo
com o açúcar da morte traiçoeira...

CORO - quando eu pego a cantar minhas beteiro
Cristo desce da cruz e sai correndo...

(repetem o estribilho, dançam, até cantar)

F I M